



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

O Sindicalismo Em Rede Na RMC – Parte 1¹

Marília Pinto de Moura da Rocha²
Aluna da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

Este projeto de pesquisa se propôs a mapear e avaliar os usos da Internet por parte do movimento sindical dos trabalhadores da Região Metropolitana de Campinas. Para formatar um panorama dos sindicatos que oferecem um espaço de comunicação na rede mundial de computadores à classe que representam e avaliar as *home pages* produzidas pelas entidades, foi adotado o modelo descritivo de pesquisa e entrevistas semi-estruturadas. Esta metodologia foi aplicada a dirigentes sindicais de nove cidades da Região Metropolitana de Campinas. Pôde-se verificar uma utilização ainda precária das ferramentas oferecidas pela comunicação na Internet.

Palavras-chave

Sindicalismo; comunicação; Internet.

I. INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, cientistas e pesquisadores vêm propondo que o conhecimento está passando por uma grande mudança de paradigmas. Doutor em Comunicação e Cultura, o pesquisador Dênis de Moraes, inicia seu livro “O Planeta Mídia” com a seguinte afirmação: “Este é um tempo de fluxos e sinergias, de trânsitos e interfaces. A incontrolável aceleração tecnológica põe em xeque o que conhecemos por vida social”³. Estudiosos reforçam a idéia de que o ser humano entrou na chamada Era da informação, em que até mesmo o capital está submetido a novas escalas e parâmetros de ação. “Para operar e competir, o capital financeiro necessita fundamentar-se em conhecimentos distribuídos pelas tecnologias de informação”⁴.

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

² Estudante da Faculdade de Jornalismo do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas. Concluiu o presente trabalho no início do oitavo semestre da graduação. Cursa, paralelamente, Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e participou do Projeto de Extensão Coletiva, vinculado à PUC-Campinas.

lila_rocha@uol.com.br.

³ MORAES, 1998, p.9.

⁴ MORAES, 1998, p.247.



Nas duas últimas décadas do século XX a descentralização da economia levou à necessidade de um desenvolvimento tecnológico capaz de gerar, processar e aplicar informações baseadas em conhecimentos que contribuíssem para aumentar a competitividade da produção. A Internet surge, assim, como principal ferramenta para a intensa movimentação dos fluxos de capitais nesta “sociedade em rede”, cujo conceito pode ser melhor compreendido na obra de Manuel Castells⁵. A rede mundial de computadores seria fruto de dois elementos: o informacionalismo e a globalização. Segundo o autor, contemporaneamente foi estabelecido

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais a língua universal digital (...). As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldado por ela⁶.

A esse fenômeno, aplica-se ainda o conceito de “aldeia global”, trabalhado na obra de Marshall McLuhan durante os anos 70 do século passado. O autor constata o surgimento de um processo de “retribalização”, no qual as sociedades voltaram a se agrupar através de uma linguagem universal. Dessa forma, “Qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo ambiente humano”⁷, uma vez que há sempre um ajustamento “de toda a vida social e pessoal ao novo modelo de percepção estabelecido pela nova tecnologia”⁸.

Moraes explica que “Por vias transversas, o fenômeno da mundialização abala valores e referências culturais. As antigas identidades por laços comunitários entram em curto-circuito”⁹. Castells aponta que esse ambiente foi responsável por gerir uma mão-de-obra “desagregada em seu desempenho, fragmentada em sua organização, diversificada em sua existência, dividida em sua ação coletiva”¹⁰. Verifica-se então um enfraquecimento das instituições que representam a classe trabalhadora.

Assim, o mundo do trabalho, no extremo oposto do universo do capital, sofreu também conseqüências intensas. A expansão do modelo neoliberal foi acompanhada pelo desfacelamento do Leste Europeu, com o que parcela da esquerda perdeu seu referencial norteador. Essas mudanças “acabaram por acarretar conseqüências muito fortes no interior do movimento operário, e, em particular, no âmbito do movimento

⁵ CASTELLS, 1999.

⁶ CASTELLS, 1999, p.41.

⁷ MCLUHAN, 1977, p.15.

⁸ MCLUHAN, 1977, p.46.

⁹ MORAES, 1998, p.10.

¹⁰ CASTELLS, 1999, p.550.

sindical”¹¹, tanto na materialidade da classe trabalhadora, quanto em sua esfera mais propriamente ideológica, dos valores que pautam suas ações concretas.

Durante a década de 80 no Brasil, as entidades sindicais protagonizaram um relevante papel na mobilização dos trabalhadores de diversas categorias do país. O alto número de funcionários nas fábricas aumentava a força das pressões por melhorias, e o baixo índice de desemprego dava certa segurança à adesão dos trabalhadores. Com a implantação da Constituição de 1988 e a absorção das idéias neoliberais, as entidades sindicais sofrem uma queda significativa nas representações e nos poderes de mobilização e reivindicação. Terceirizações e subcontratações vão se mostrar nocivas à representatividade sindical.

Perante estas inovações, Maria Nazareth Ferreira¹² enfatiza a importância da organização e, sobretudo, renovação dos movimentos trabalhistas na relação que travam com o capital. A autora ressalta também a importância de uma imprensa operária que sirva como instrumento capaz de auxiliar nessa função de atualização do movimento.

Este estudo, desenvolvido enquanto uma pesquisa de iniciação científica, integra a fase exploratória do projeto de pesquisa “A Internet no movimento sindical de Campinas”, do pesquisador e orientador desse trabalho, Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti. Busca-se identificar na Região Metropolitana de Campinas a possibilidade de que a Internet, desenvolvida a serviço do capital e em um contexto de enfraquecimento do movimento sindical, seja também utilizada por este em seu papel de mobilização. Trata-se de verificar se as chamadas “classes subalternas” se apropriam das formas e tecnologias de comunicação desenvolvidas pelo sistema que as explora enquanto fornecedora de mão-de-obra. Considerando-se que Campinas é uma das maiores economias do país, terceira praça bancária e pólo tecnológico e científico, a região pode ter relevância específica na compreensão das atuais lutas entre dominantes e dominados.

Também se apresenta uma compilação de informações capazes, inclusive, de auxiliar políticas, públicas ou privadas, para ações de fomento ao setor.

II. METODOLOGIA

Adotou-se aqui o modelo de pesquisa exploratório/descritivo, o qual tem por finalidade descrever “características de determinada população ou fenômeno ou o

¹¹ ANTUNES, 1985.

¹² FERREIRA, 1995.



estabelecimento de relações entre variáveis”, o que incluiria “as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”¹³.

Inicialmente, foi feito o levantamento e a tipificação das entidades sindicais de nove das dezenove cidades que compõem a Região Metropolitana de Campinas. As entidades do Município de Campinas foram analisadas em outra pesquisa de iniciação científica, pelo aluno Igor F. de Lima Carvalho, estando as demais nove como objeto de análise da parte 2 da pesquisa, a cargo do estudante Gabriel de B. C. Baldocchi. Voltou-se aqui para as seguintes cidades: Americana, Artur Nogueira, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba e Jaguariúna.

Este levantamento foi feito por meio da Lista Telefônica Regional 2005/2006, de serviços telefônicos da Internet e de sites de procura. Buscou-se o auxílio da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da Força Sindical. Na cidade de Engenheiro Coelho não se localizou contato de nenhuma entidade sindical. No total, constatou-se a existência de 47 entidades.

Dessas 47, foram eliminadas 15 por não utilizarem a Internet em sua estrutura de organização sindical no momento, ou por serem totalmente dependentes de suas respectivas sedes no quesito comunicação. As 10 do Município de Itatiba não entraram nesta análise, por terem ficado a cargo do orientador, para futuros estudos, tendo ele repassado os dados que fossem de interesse deste levantamento.

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, via contato telefônico, que compuseram o material de base das análises.

A terceira parte do trabalho consistiu na análise das *home pages* selecionadas na etapa inicial. O estudo centrou-se na avaliação dos sítios virtuais produzidos por associações de classe e sindicatos de trabalhadores empregados e autônomos locais, desconsiderando-se aqueles desenvolvidos por entidades patronais.

Foram propostas sete categorias de análise que caracterizam o ambiente virtual: a interatividade, a hipertextualidade, personalização, memória, multimídia, atualização simultânea, as condições de navegação e o número de visitas.

II.1 Interatividade

Define-se interatividade como “a possibilidade (crescente com a evolução dos dispositivos técnicos) de transformar os envolvidos na comunicação, ao mesmo tempo, em emissores e receptores de mensagens”¹⁴. Com o estabelecimento da rede mundial de

¹³ GIL, 1999, p.44.

¹⁴ MARQUES, 2004, p.10.



computadores, surge uma possibilidade muito maior de que o tradicional receptor seja também produtor, ou seja, a informação virtual deixa de ser fechada e o receptor pode passar a intervir nela, tendo perdido “seu estatuto de mensagem emitida”¹⁵.

Pode-se diferenciar dois tipos de interação: mútua e reativa. O primeiro é um modelo de interatividade *Idea*, em que os usuários interferem e propõem diretamente o conteúdo, sem que os resultados dessa interferência possam ser previstos, de forma que “a verdadeira interatividade deveria abarcar a possibilidade de resposta autônoma, criativa e não prevista da audiência”¹⁶. Já na interação reativa, os usuários reagem a conteúdos pré-determinados em um sistema fechado que limita as possibilidades.

Devido ao grau de complexidade da interação mútua, e por estar distante de ter aplicações práticas, ao avaliar a categoria interatividade, considerou-se como critério de análise o fato de as *home pages* serem ou não interativas, ainda que apenas em termos de interatividade reativa. Para fazer essa classificação, o meio utilizado foi apurar se tais *home pages* dispunham de fóruns de discussão, *chats*, endereços eletrônicos e mecanismos de *feedback* – espaços para críticas, opiniões e sugestões.

II.2 Hipertextualidade

Entende-se hipertextualidade como sendo a interconexão quase instantânea através de *links* entre partes de um conteúdo e arquivos que integram a teia de informações que a Internet constitui, possibilitando a conexão de textos, sons e imagens.

II.3 Personalização

A personalização consiste na possibilidade de individualização do conteúdo de acordo com os interesses do usuário. Corresponde ao chamado de sistema de busca.

II.4 Memória

A análise dessa categoria apura a existência ou não de dados armazenados em arquivos que possam ser usados e recuperados de forma ilimitada.

II.5 Multimídia

A multimídia define-se como a convergência de diversas mídias, como imagem, texto e som, na apresentação do conteúdo da *home page*.

II.6 Atualização simultânea

Compreende-se a frequência com que um sítio eletrônico é atualizado, ou seja, se a *home page* oferece ao usuário a impressão da informação em tempo real.

II.7 Navegação

¹⁵ PALÁCIOS, apud MARQUES, 2004, p.11.

¹⁶ WILLIAMS, apud MARQUES, 2004, p.12.



Conceitua-se navegação como a forma com que é distribuído o conteúdo de um sítio eletrônico. A abordagem desta categoria consiste na classificação do que é disponibilizado na página em primeira, segunda, terceira e quarta gerações. A navegação de primeira geração é aquela que trata as informações de maneira linear e sequencial, com *links* que remetem para a página anterior, seguinte e inicial. A de segunda geração disponibiliza seu conteúdo semelhante a referências bibliográficas, nas quais pode-se escolher o que se deseja visualizar, porém ainda de forma linear. Navegação de terceira geração tem o conteúdo disponibilizado através de menus, o que permite um acesso mais rápido e menos linear. A quarta geração consiste em um sistema de navegação que busca criar um ambiente virtual que permita ao usuário acesso totalmente não linear; como ainda não tem aplicação prática, foi desconsiderada.

II.8 Número de visitas

O número de visitas consiste na contagem dos usuários que acessam determinada *home page* e a frequência com que isso ocorre. Poderia oferecer indicações do grau de envolvimento dos trabalhadores nas comunicações com seus sindicatos. Porém, esse item foi desconsiderado durante o desenvolvimento do trabalho, por não haver um indicador preciso do número de acessos.

A análise permitiu a classificação de cada uma das páginas avaliadas em quatro graus de utilização destes recursos: pleno, médio, baixo e insatisfatório.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 22 entrevistas realizadas, sete foram feitas com representantes das sub-sedes de sindicatos que demonstraram interesse em utilizar a Internet. As outras 15 entrevistas foram realizadas com presidentes das sedes dos sindicatos. De todas as sedes encontradas, apenas duas não demonstraram interesse no uso da rede de computadores. Após o contato inicial, se verificou que apenas cinco entidades possuem *home pages*. Ao que se pôde verificar, nenhuma sub-sede da região tem um sítio eletrônico próprio.

Entidade sindical	Home Page
Sindicato Trabalhadores Indústrias Metalúrgica e Mecânica Materiais Elétricos de Jaguariúna e Região	www.sindmetaljaguariuna.org.br
Sindicato Prof. Est Priv Ens Muni Indaiatuba Salto e Itu	www.sinprovaes.org.br/
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de Americana em Geral	www.sindicatotextildeamericana.com.br/



Sindicato dos Empregados do Comércio de Americana e Região	www.secam.org.br/
Sindicato dos empregados de agentes autônomos de Americana e região	www.seaacamericana.org.br

Além das sete categorias destacadas para a análise dos sítios eletrônicos, torna-se de extrema relevância considerar o conteúdo veiculado pela comunicação das entidades. Como aponta Maria Nazareth Ferreira, torna-se clara a separação entre uma imprensa operária, atuante e conscientizadora, de uma imprensa sindical, muito mais institucional e voltada para uma atuação mais assistencialista.

Nenhum dos cinco sites analisados demonstrou valorizar espaços para conteúdos de imprensa operária. Em todos é predominante o discurso voltado apenas para interesses limitados à categoria em questão, como negociações, convenções coletivas, convênios e informações sobre o sindicato. No site do Sindicato dos Empregados no Comércio de Americana há apenas um ponto, no *link* saúde, em que se discute questões mais amplas: no texto “A Criança e seu Tempo”, é possível verificar alguns pontos de análise sobre a vida estruturada sobre valores neoliberais. No site do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana e Região, no *link* “Seja Sócio”, há também um pequeno texto em que se discute o porquê de ser sindicalizado, o que permite levar o navegador a discussões mais profundas sobre o papel da organização da classe trabalhadora em geral. No Sindicato dos Professores de Indaiatuba há também, no *link* “Sinprovaes”, alguns trechos do texto que podem ser considerados mais voltados para esta discussão não fechada apenas aos interesses corporativos do grupo, mas que ofereçam algum fundamento para uma reflexão sobre a importância geral da associação entre os trabalhadores. Isso ocorre, por exemplo, no trecho inicial, que se segue:

Com [a] participação organizada, juntamente com uma progressiva formação econômica-social, aumentará em todos, de dia para dia, a consciência de sua própria função e responsabilidade, pela qual eles são encaminhados, segundo as suas capacidades e aptidões pessoais, a se sentirem associados em todo o trabalho de desenvolvimento econômico-social e na realização do bem comum universal.¹⁷

Na página do Sindicato dos Empregados de Agentes Autônomos de Americana e Região há o *link* “Olho no Olho!”, que consiste em uma série de artigos assinados por “A Diretoria”. Em alguns, é possível encontrar debates mais amplos, que visam a um despertar de reflexão, como o “Trabalho e Emprego”, em que se lê o seguinte trecho:

¹⁷ www.sinprovaes.org.br/ último acesso em 20/07/2006.

A sociedade parece preocupar-se apenas com as altas taxas de desemprego, sem preocupar-se com a criação de novas alternativas para o trabalho e a educação para novas atividades. Muitos analisam o assunto, fazendo previsões, enquanto governos e entidades conduzem a política de acordo com os seus ideais e poucos analisam as necessidades das pessoas, com suas preocupações e anseios individuais.¹⁸

Outros textos possuem passagens que também podem ser geradoras de análises críticas sobre a sociedade em que se dá a luta de classes, mas não se vê textos em que o leitor/ trabalhador seja levado a se sentir parte de uma destas classes e motivado a lutar por uma sociedade em que esta diferença já não exista.

No mesmo site, há o espaço “Lembrador”, dentro do qual se relaciona uma série de *links*. Um deles, o “Fiscalize o Governo”, leva a uma página onde se encontram explicações do funcionamento dos poderes Executivo e Legislativo, além de *links* para sites oficiais; esta sessão pode ter o objetivo de despertar consciência crítica, mas isso não é estimulado no texto.

Ainda no site dos empregados de agentes autônomos, no *link* “Armazém de Idéias”, há um texto introdutório sobre cidadania, que inclui a orientação de participar ativamente da comunidade na qual o sindicato se insere. O Trecho “O bom relacionamento com os órgãos governamentais, com os sindicatos de trabalhadores de qualquer categoria, com o patronal e a comunidade em geral, ajudam a construir uma imagem positiva de sua entidade, fortalecendo sua personalidade institucional e tornando-o mais conhecido em seu meio” é um dos poucos dos sites analisados que chega a mencionar outras categorias de trabalhadores, o que poderia apontar para o despertar de uma consciência operária. Mas, neste caso, esta menção não está sendo feita no sentido de unificar a classe trabalhadora contra a dominante, mas sim, como um chamado à convivência pacífica entre todos, em nome de uma divulgação institucional.

Por fim, o último site analisado, do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias Mecânicas, Metalúrgicas e de Materiais Elétricos de Jaguariúna e Região, seguindo a tradição desta categoria, pode ser considerado o que mais se aproxima da condição de imprensa operária, já que procura proporcionar alguma formação política. Na página inicial, nas editoriais de notícias “política”, “mulheres” e “eleições” há debates e informações que vão além da categoria representada e que podem levar a questionamentos sobre a classe trabalhadora de modo geral.

¹⁸ In www.seaacamericana.org.br último acesso em 01/07/2006.

Na coluna da direita da página principal há também dois textos que contêm discussões importantes: um sobre a redução da jornada (colocando-a não apenas como um instrumento de combate ao desemprego, mas como perspectiva de qualidade de vida do trabalhador) e outro, sob o *link* “sindicato para que?”, que, entre outras discussões, coloca a importância de um sindicato, não apenas como provedor de serviços, mas como instrumento de luta pela igualdade social. Há neste texto a seguinte passagem:

A sociedade capitalista é dividida em dois grupos de pessoas. Nós, trabalhadores e trabalhadoras, e os patrões, capitalistas que compram nossa força de trabalho e levam, junto com ela, nossa inteligência, habilidades e experiência.¹⁹

Na seção Serviço, até mesmo no *link* “convênios”, em que se tem acesso a uma lista dos estabelecimentos conveniados, pode-se ler a passagem: “Trabalhamos para que o Brasil seja efetivamente um país socialista, com igualdade de oportunidades para todos. Para isso, contamos com a força dos trabalhadores sindicalizados, que têm a consciência de que para construir um País melhor é preciso lutarmos juntos”²⁰.

Na seção Canais, o *link* “palavra do presidente” traz um texto que, entre outras coisas, debate as posições de setores da sociedade tradicionalmente desvalorizados e vítimas das mais diversas situações de preconceito. Oferecer discussões sobre estas categorias é também fugir um pouco do âmbito meramente metalúrgico e entrar no âmbito de questões de desigualdade. Entretanto, mesmo se aproximando de uma imprensa operária e não meramente institucional, a *home page* deste sindicato também não oferece uma plena utilização das ferramentas que a Internet disponibiliza, como se pode verificar na análise apresentada adiante.

Tudo o que se expôs até aqui foi para descrever o que se encontrou de tentativas nas *home pages* analisadas, o que não deve ser descartado, mas fica claro, em todas elas, que é reservada prioridade aos textos institucionais. Ainda que exista, o espaço para uma imprensa operária é pequeno e secundário em todos os sítios, o resgate da consciência trabalhadora é ainda incipiente. A maioria das diretorias sindicais deixa de cumprir com seu papel de formador de uma “elaboração de uma proposta econômica alternativa, formulada sob a ótica dos trabalhadores, capaz de responder às reivindicações imediatas do mundo do trabalho, mas tendo como horizonte uma organização societária fundada em valores socialistas efetivamente emancipadores”²¹.

¹⁹ www.sindmetaljaguariuna.org.br. Último acesso em 20/07/2006.

²⁰ www.sindmetaljaguariuna.org.br. Último acesso em 20/07/06.

²¹ ANTUNES, apud GERALDO, 1995, p.44.



Esta proposição também é confirmada pelo fato de que, nos cinco sites, há uma supervalorização de espaços destinados somente à sindicalização, o que reflete um maior interesse em angariar recursos decorrentes das associações. Ainda que em dois sites não exista a possibilidade de sindicalização *on-line*, em todos eles este assunto é recorrente, sendo que em dois a página de sindicalização pode ser acessada por pelo menos três caminhos.

Há no site do Sinprovaes um diferencial: um *link* para denúncias, que foi apontado nas entrevistas como sendo uma das maiores potencialidades do uso da Internet para o sindicato, já que esta medida, tão importante para o trabalho efetivo e combativo das entidades sindicais, é tão pouco utilizada por medo dos trabalhadores, que, quando o fazem pela Internet não precisam senti-lo.

De modo geral, no entanto, foi constatado que, além de disponibilizarem um conteúdo predominantemente institucional, o uso dos mecanismos que a Internet oferece é insatisfatório, não havendo um aproveitamento pleno de nenhum dos itens analisados, como mostra a tabela a seguir, formulada a partir dos resultados obtidos na análise do aproveitamento de cada item das sete categorias propostas.:

Entidade sindical / associação	Classificação da <i>home page</i>			
	Pleno	Médio	Baixo	Insatisfatório
Sindicato Trabalhadores Ind. Meta. e Mec. Materiais Elétricos de Jaguariúna e Região			X	
Sindicato Prof. Est Priv Ens Muni Indaiatuba, Salto e Itu				X
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de Americana em Geral				X
Sindicato dos Empregados do Comércio de Americana e Região				X
Sindicato dos empregados de agentes autônomos de Americana e região		X		

Através dos dados obtidos, podemos constatar que as entidades utilizam a Internet basicamente da mesma forma. Os responsáveis pela comunicação dos sindicatos utilizam ainda de maneira precária e demonstram pouco domínio da gama de opções já oferecida pela Internet. Apenas a hipertextualidade é utilizada por todos e, através desse recurso, as entidades poderiam possibilitar aos trabalhadores lançar um olhar crítico em relação aos valores e informações divulgados e transmitidos pela “grande imprensa”, que, em geral, reforçam o discurso da classe dominante. Entretanto, apenas o uso deste mecanismo não garante que o papel do sindicato esteja cumprido e,



de modo geral, é possível verificar o quanto é primário o emprego desses recursos, o que reforça a tese de que a Internet, pelo menos nesse segmento, ainda é mal utilizada.

Este resultado pode ser considerado extremamente representativo de um modo mais geral de atitudes daqueles que organizam os trabalhadores. Pode-se dizer que

O estudo da sociabilidade na/ sobre/ com a Internet deve ser situado no contexto da transformação dos padrões de sociabilidade em nossa sociedade. Isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa interação: espaço, organizações e tecnologias de comunicação.²²

Enquanto resultado das intenções dos dirigentes, a Internet ainda é sinônimo de falta de conhecimento e, inclusive, falta de uma cultura de participação ativa.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O subaproveitamento do que é oferecido pela Internet revela, por parte dos dirigentes sindicais, a falta de interesse em modernizar seus mecanismos de mobilização e a falta de empenho em utilizar meios desenvolvidos inicialmente para a classe dita dominante e deles se apropriar no momento de embate contra o capitalismo. Vito Gianotti já havia definido este comportamento quando disse:

É uma atitude muito comum na esquerda, especificamente no movimento sindical, queixar-se da própria impotência. Quase (...) um deleitar-se da própria pequenez, numa atitude fatalista que leva ao imobilismo. A frase que resume este estado é a clássica: ‘a burguesia está com tudo’. Nesta visão, governo e padrões são os deuses todo-poderosos, donos de toda a mídia.²³

Este mesmo autor também já alertava para a importância que a rede pode desempenhar no movimento sindical. Segundo ele, “A Internet é um suporte para o conjunto da comunicação sindical. Ela oferece um arsenal utilizável em todos os instrumentos de comunicação, além de diretamente transmitir dados, notícias, informações, de forma rápida e eficiente”²⁴.

Os próprios dirigentes sindicais reconhecem na Internet uma capacidade de auxiliar fortemente o trabalho das entidades para mobilização, o que se reflete nas entrevistas realizadas: ainda que tenham dito que atualmente um sindicato não pode depender apenas da Internet para organizar os trabalhadores e mesmo que todos tenham

²² CASTELLS, 2003, p.105.

²³ GIANOTTI & SANTIAGO, 1997, p.29.

²⁴ GIANOTTI & SANTIAGO, 1997, p.23.

defendido que o contato pessoal ainda é essencial para estruturá-los, nas 22 entrevistas realizadas, oito dirigentes demonstraram interesse em desenvolver uma página na Internet e 20 utilizam o sistema de e-mail. Mesmo julgando a Internet como menos importante no atual estado de organização sindical, os próprios dirigentes acreditam no potencial desta ferramenta para a luta por melhores condições para os assalariados.

A interatividade e a agilidade foram apontadas como características da Internet que, além de possibilitar inovações no fazer sindical, podem também enfraquecer procedimentos burocráticos contrários a uma organização ativa de classe. Os seguintes trechos, retirados das entrevistas realizadas, revelam um pouco dessa confiança:

“Tanto para os sindicalistas quanto para os trabalhadores é importante acompanhar as informações do mundo, principalmente em sites políticos” (Edson Cardoso de Sá, Sindicato dos Metalúrgicos de Jaguariúna).

“No site é possível deixar documentos, como leis que não dá para colocar num jornal impresso cada vez que for distribuir, mas que colaboram na compreensão do trabalhador sobre o trabalho” (Gentil Gonçalves Filho, Sinprovaes)

“A Internet pode possibilitar um contato muito mais frequente entre os sindicalistas. Em termos do ideal, a Internet é importantíssima, principalmente pela possibilidade de arquivar informações e disponibilizá-las o tempo todo para quem quiser ver. Além disso, quando podemos ir às escolas e falar diretamente com o trabalhador, é muito bom, mas a Internet possibilita uma campanha muito mais constante” (Gentil Gonçalves Filho, Sinprovaes)

“As pessoas ainda têm medo de ler o material impresso. Por isso, no dia em que os trabalhadores tiverem um verdadeiro acesso à Internet, eles poderão se informar melhor. A grande imprensa ainda tem muito preconceito quanto ao sindicalismo e a Internet pode ser um meio importante para criar nosso próprio espaço” (Antônio Roberto da Silva, Sindicato dos Empregados no Comércio de Americana e Região)

Por fim, em todas as entrevistas realizadas verificou-se que a Internet já é considerada imprescindível no que toca à organização intersindical. O presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Americana e Região, Antônio Roberto da Silva, afirma que “para a organização intersindical, a rede contribui mais ainda. Os dirigentes sindicais têm a obrigação de estarem antenados, acompanharem as alterações dos ambientes sócio-político-econômicos e todas as alterações no Governo que interferem no Movimento”.

Tendo em vista este potencial papel da Internet para o movimento sindical, o pouco investimento na comunicação virtual foi apontado por diversos entrevistados como reflexo da falta de recursos, que decorre do baixo índice de sindicalização dos trabalhadores da cidade. Entretanto, a falta de recursos financeiros não pode ser vista como a causa da inatividade de sindicatos, que, inclusive, surgiram em condições de



organização muito mais precárias. Como esta pesquisa apontou, o problema não é apenas não ter Internet, mas não se empenhar em utilizá-la de forma eficaz.

Outra hipótese para justificar o pouco investimento em comunicação virtual, seria a de que, por ser formada em sua maioria por sub-sedes cujas sedes se localizam em Campinas, a trama sindical estudada dependeria do trabalho de comunicação realizado pelos profissionais desta cidade. Ou seja, sendo em grande parte apenas extensões dos sindicatos de Campinas, as entidades da região não precisariam se estruturar para atender à demanda por informação.

Esta hipótese também se revela falha. A partir de uma avaliação das *home pages* de entidades sindicais do Município de Campinas, a pesquisa de iniciação científica realizada pelo estudante Igor F. de Lima Carvalho revelou que a maioria dessas instituições também não utiliza as ferramentas e os recursos disponibilizados pela Internet para suas necessidades de comunicação, seja com as bases representadas, seja com demais entidades para atividades intersindicais. Portanto, dirigentes sindicais da RMC não podem se esquivar de sua responsabilidade de informar e conscientizar seus trabalhadores, apoiando-se no falso argumento de que esta função já estaria sendo cumprida por dirigentes de Campinas.

Outro argumento muito utilizado para o baixo interesse entre os dirigentes sindicais em desenvolver uma comunicação operária virtual de qualidade é de que há ainda nestas cidades problemas com a inclusão digital. Em outros termos, a exclusão digital a que está submetida grande parcela dos trabalhadores brasileiros seria um dos maiores empecilhos ao desenvolvimento dessa comunicação, já que não adianta desgastar esforços em um setor que não atingirá seu público-alvo.

Obviamente este é um aspecto relevante e não deve ser desconsiderado. Entretanto, este fator não deve impedir que as entidades sindicais capacitem-se e/ou procurem capacitar seus dirigentes e associados a lidarem com esta nova tecnologia.

Conclui-se, portanto, que o subaproveitamento da rede, reflexo de uma estrutura sindical arcaica, dificulta a modernização dos mecanismos de comunicação com as classes trabalhadoras e, com isso, impede que as ferramentas oferecidas pela Internet sirvam de alternativa para a superação desse quadro e auxiliem a reestruturação da imprensa operária tal qual foi em sua origem.

Destaca-se aqui a necessidade de as entidades sindicais se recordarem de seu verdadeiro e fundamental papel e repensarem tanto a estrutura sindical atual quanto sua



atuação política expressa pela comunicação operária, retornando à sua função inicial, bem definida por Antunes, quando diz:

Os sindicatos mostram-se como um terreno fértil para o avanço de todos os setores do proletariado, mesmo aqueles mais atrasados e com menor experiência de luta, uma vez que é no seu sindicato, junto com os operários mais avançados, que eles começam a entender toda a complexidade da luta contra os capitalistas.²⁵

A partir disso, a nova imprensa operária, dialógica, horizontal, interativa e inovadora pode efetivamente criar uma consciência de classe, organizada e pronta para discutir e resistir à exploração que sofre, possibilitando uma participação efetiva dos trabalhadores, mediante a forma como transmite valores e informações e ao reelaborar signos próprios, tendo em vista que “O objetivo do processo de comunicação sindical será sempre de não rebaixar o conteúdo político da mensagem sindical e conseguir que esta mensagem se converta em ação”²⁶. Ainda segundo estes autores,

As publicações de um sindicato classista convidam o leitor a lutar por uma nova sociedade. (...) O objetivo da comunicação sindical é palpável, concreto, está intimamente ligado à ação. (...) Um bom boletim (...) é aquele que consegue apresentar bem uma proposta. Aquele que consegue dialogar com os trabalhadores. Dialogar sobre sua condição de classe explorada. (...) Sobre suas implicações políticas globais. A comunicação sindical não tem um único e exclusivo papel. Tem vários. Ela é esclarecedora, formadora e, ao mesmo tempo, aglutinadora²⁷.

Esse estudo procurou apresentar a realidade da imprensa operária virtual em parte da Região Metropolitana de Campinas e o que ela reflete da atual estrutura sindical predominante neste espaço. Realidade ainda distante para a maioria dos casos, mal utilizada por aqueles que se aproximaram, o ambiente virtual revelou ser, nestas circunstâncias, um grande potencial ainda a ser descoberto e um importante aliado para profissionais que tenham compromissos com o incentivo à participação, à visão crítica e à busca efetiva por uma reflexão constante e sobre a realidade vivenciada pelos trabalhadores. Não se buscou aqui aprofundar as causas do atual estado da comunicação sindical na RMC, mas sim indicar, com este estudo, um dos focos que se deve ter quando se pensar em uma futura organização da estrutura sindical.

V. BIBLIOGRAFIA

²⁵ ANTUNES, 1985, p.35.

²⁶ GIANOTTI & SANTIAGO, 1997, apresentação.

²⁷ GIANOTTI & SANTIAGO, 1997, p. 41.



- ANTUNES, Ricardo. *O que é sindicalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARDOSO, Adalberto M. *A década neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CARVALHO, Igor F. de Lima. *Projeto de pesquisa: O sindicalismo campineiro em rede*. Relatório de Iniciação científica. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. Comunidades virtuais ou sociedade de rede? In *A galáxia da Internet – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FERREIRA, Maria Nazareth. A comunicação sindical frente ao liberalismo. In: FERREIRA, Maria Nazareth (org). *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Comunicação e resistência na imprensa proletária*. São Paulo, ECA/USP, 1990. (tese de livre docência)
- GERALDO, Sebastião. A globalização da economia e a comunicação sindical. In: FERREIRA, Maria Nazareth (org). *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- GIANOTTI, Vito. *O que é estrutura sindical*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____; SANTIAGO, Cláudia *Comunicação Sindical – falando para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARQUES, Patrícia P. Não é o que parece: A interatividade no Ambiente virtual. *Conectiva*, UNIVAS, Pouso Alegre, v.2, n.2, p.09 – 26, jan./jun. 2004.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem* (Understanding media: The Extensions of Man). Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- MORAES, Denis de. *O Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra livre, 1998.
- SILVA, Sérgio Gomes da (org.) *Comunicação sindical em época de crise*. São Paulo, ECA/USP, 1992. Pg 16-18. Coleção Simpósios em Comunicações e Artes.
- ZANOTTI, Carlos Alberto. *Gutenberg cai na rede: um estudo das transformações que a rede mundial de computadores vem impondo aos processos de produção da imprensa diária*. ECA/USP (Tese de doutorado).